

Boa música, com certeza

TEXTO

EVERTON CARDOSO

FOTOS

FLÁVIO DUTRA

MACIEL GOELZER

São cerca de cinco mil quilômetros de Atlântico que separam os pontos mais próximos de Brasil e Portugal; na história, na língua, nos hábitos e na cultura são muitos os traços que, ao mesmo tempo, unem e separam as duas nações que outrora já formaram uma só. Com essa perspectiva de aproximar lá e cá, o Unimúsica, em sua edição deste ano, apresentou a série *Lusamérica, canções*. Com curadoria de Lígia Petrucci, o projeto propôs um diálogo entre as musicalidades portuguesa e brasileira. As aproximações foram múltiplas no palco do Salão de Atos da UFRGS: portugueses cantando do mais puro fado a canções brasileiras e jazz; brasileiros trazendo musicalidade lusa e promovendo incursões também pelos sons da África de língua lusófona. O JU acompanhou os concertos, participou das conversas dos músicos com o público – normalmente no dia que antecedia a apresentação – e realizou entrevistas exclusivas com todos os participantes. O resultado é uma série de perfis que pretende registrar a

passagem desses artistas pela Universidade e mostrar um pouco de quem eles são e como pensam a música.

No percurso desta reportagem, que durou de maio a novembro, cruzamos com o trabalho da artista visual Graziela Salvatori e a convidamos para criar a estampa que acompanha esta reportagem. A gravurista esteve em Lisboa em fevereiro passado e coletou uma série de imagens de azulejos tipicamente portugueses. Na volta a Porto Alegre, produziu séries de gravuras – xilo e linóleo – que foi espalhando pela cidade, em muros e paredes. A lineoleogravura que aparece nesta edição tem o título *Rua Garrett, 75*, endereço na capital portuguesa onde ficam os azulejos originais. No deslocamento feito pela artista está traduzido o espírito de *Lusamérica, canções*: da parede azulejada, passando pela matriz e pelo papel impresso, os ladrilhos portugueses retornam à parede do outro lado do oceano. Metaforicamente, é o caminho feito pela música, uma ida e vinda que leva a um diferente que ainda guarda a essência da proximidade.

António Zambujo

resume sua postura diante da música em duas palavras: irresponsabilidade e insanidade. “Na arte, não se pode estar preocupado com o que os outros dizem”, assevera. O cantor e compositor que iniciou no mundo do fado logo foi absorvendo influências como as que recolheu da música popular brasileira – isso sem contar o legado das canções de coros típicas de seu Alentejo natal, no sul de Portugal. “Se é fado, vêm os ortodoxos a dizer que não o é. Se é música alentejana, também dizem que não”, critica. António diz que não pode deixar-se “emprenhar pelos ouvidos”, não pode levar muito a sério as palavras de outrem. Nesse sentido, ele considera que o processo criativo é egoísta e deve estar centrado nas intenções do artista. A receptividade do público é outra questão, posterior. “Aprendi a acreditar naquilo que eu quero fazer e nunca deixar de aprender escutando outros músicos. Ver o que está bem, o que está mal, o que poderia fazer diferente”, explica para demonstrar que, ainda que centrado em si, se vê como sujeito em processo. “Sempre percebi que a música ia ter um papel importante na minha vida”,

conta sobre sua infância, mas se apressa em dizer que jamais projetara ou sequer pensara numa carreira. As coisas foram, aos poucos, acontecendo. Quando criança, ainda aos quatro anos, começou a interessar-se por tocar piano, violão, acordeão e outros instrumentos que a avó tinha em casa. “Eu tinha duas infâncias paralelas: a de brincar na rua; e a de ficar sozinho em casa com minha avó, aprendendo as canções que ela me ensinava.” Do avô também lhe vêm recordações musicais: António o acompanhava em tabernas e era colocado sobre o balcão para cantar. “Escutar essas músicas e aprendê-las: tudo isso são memórias que ficaram”, relembra com afeto. E é desse espírito que o músico, hoje artista de carreira internacional, se imbuí quando está no palco: “Gosto de imaginar que as pessoas esquecem que estão num teatro e que pensam estar na sala de casa, a tomar um copo de vinho e eu a cantar-lhes”, diz. Quem o vê em cena tem essa exata impressão. António senta-se ao centro do palco, os demais músicos, dois em cada lado, em formação de meia-lua. O contato visual e a sintonia entre eles são visíveis. Ao público, um descontraído artista, com violão displicentemente repousado sobre a perna, dirige um olhar tranquilo, às vezes uma palavra ou frase, ou faz uma brincadeira. Sente saudade dos tempos em que se apresentava nas casas de fado tradicionais de Lisboa; eram seu “tubo de ensaio”, disciplinavam o seu trabalho. Nos últimos anos, porém, as turnês não lhe têm permitido muito tempo de permanência na capital portuguesa, e o pouco que fica prefere passar em companhia dos dois filhos e de seus amigos. Tanto é que agora o processo de experimentação vai acontecendo nos quartos de hotéis e nos contatos com outros músicos. Quando indagado sobre o futuro, imediatamente responde: “Não tenho direito de almejar o que quer que seja. Tudo o que aconteceu já foi muito mais do que eu imaginava. É a música pela música, e só”.



FLÁVIO DUTRA/JU

Quando a voz de **Carminho**

entoa um fado, é quase impossível entender de onde vêm tal força e potência. De figura delicada, a filha de Teresa Siqueira carrega consigo a responsabilidade de portar o legado de sua mãe, também ela uma fadista de renome em seu país natal. “Minha mãe é minha primeira e mais importante referência”, diz. Entre as lições aprendidas, Carminho destaca a preocupação com o repertório, que ela faz questão de sempre apresentar àquela que lhe legou a afinidade com o estilo musical tão tipicamente português. “Ela sempre faz uma crítica construtiva, com amor, de alguém que não ganha nada com isso, mas que quer que eu seja sempre melhor”, relata. Essa relação é resultado de uma história que tem início ainda na infância de Maria do Carmo. Quando pequena, foi morar com a família no Algarve, ao sul de Portugal. A mãe, então, para não abandonar a carreira que construiu na capital, organizava noites de fado em casa, já que na região para onde se mudaram não havia os locais em que tipicamente se canta o gênero. Alguns anos depois, de volta a Lisboa, os pais de Carminho abriram um espaço que abrigava apresentações de fadistas.

E foi nesse momento, aos 12 anos, que a artista começou sua carreira num dos palcos mais emblemáticos de Lisboa: o Coliseu. A mãe ia lá se apresentar e Carminho a acompanhou. Mas a menina, por exigência materna, precisou submeter-se a uma prova: “Tive que ir à casa de fado e fazer uma audição com músicos profissionais. Passei e fui cantar pela primeira vez em público. Eram 3 mil pessoas”, rememora sobre a ocasião em que interpretou o tradicional fado *Embuçado*. Desde então, a cantora dedica-se a entender e interpretar esse que considera um gênero cuja poética parte das coisas mais simples para chegar à essência dos sentimentos humanos. Foi por essa razão que, antes de seguir pela música, decidiu empreender uma jornada em busca de mais experiências e de um contato mais profundo com outras realidades.

Numa volta ao mundo, fez voluntariado e acredita ter aprendido a entender as diferentes definições de necessidade e felicidade que as pessoas têm. Assim foi que descobriu e aprendeu a respeitar as diferenças. Para Carminho, só é possível saber o que os outros sentem se se procura conhecer a realidade deles. “O fado tem como matéria-prima os sentimentos das pessoas e as vidas dos seres humanos. Por isso, eu precisava buscar mais experiências”, revela. E sintetiza: “O fado trata do que somos. Obriga-me a descobrir o que sou para poder dar algo aos outros”. A doação da cantora, aliás, é provavelmente o que faz dela um dos nomes emergentes de maior projeção na música lusitana. Para ela, cantar fado exige ter a “alma disponível”, livre de rotinas, ainda que o gênero tenha uma forma bastante estabelecida pela tradição. “Estarei a ser fiel àquilo em que acredito? Consigo ser fiel transportadora desse legado, mas à minha maneira?”, indaga-se. “Estou sempre à procura de muita coisa sobre mim, sobre a música, sobre o futuro, sobre como ser um bom ser humano”, revela.



Sempre que **Maria João e Mário Laginha**

falam de sua música, ficam muito claras a intensidade dela e a serenidade dele. Ela tem cabelos crespos e sempre armados com penteados inusitados e flores, usa roupas de cores vivas, tem voz de timbre agudo e um modo agitado de falar e gesticular; ele usa óculos, roupas discretas, tem voz grave e tranquila e sempre adota posições que deixam transparecer a personalidade calma. Pois é dessa aparente oposição que vem a complementaridade de uma parceria que beira os 20 anos entre a cantora e o pianista e que já resultou em uma dúzia de discos. Lançado no ano passado, *Iridescente* traduz exatamente essa aparente dissonância consonante dos artistas: o nome vem da propriedade que algumas superfícies têm de refletir a luz como o arco-íris ao mesmo tempo em que são translúcidas. Resultado de um convite da Fundação Calouste Gulbekian para participar de um festival de música do mundo, apresenta uma formação instrumental inusitada – piano, acordeão, harpa e percussão –, que corresponde a um desejo da cantora de explorar novas sonoridades. “Tive essa ideia porque temos a ambição de que a música possa refletir muitas cores, sabores e cheiros”, diz Maria João. “Espero que sejam muitos!”, exclama. Também com essa expectativa de que cada ouvinte tenha uma percepção muito pessoal do que escutar, Mario Laginha adverte para o risco de se deixar levar pelo título da composição para depois fruí-la. “É a surpresa que torna interessante um trabalho conjunto entre quem ouve e quem faz”, diz. A vida musical

de Laginha começou cedo, aos três anos, quando seus pais – um funcionário público e uma professora de matemática – decidiram que ele deveria, além de ir à escola, ter formação desportiva e musical – ginástica em aparelhos e piano foram as escolhas. Ele, então, dedicou-se até adolescência, quando preferiu trocá-lo pelo violão. Foi só ao ver um exímio pianista solo tocando jazz que novamente recobrou o interesse pelo instrumento. “Foi como uma epifania, mudou minha visão. Comecei a ensaiar até oito horas por dia”, relata. Entre as memórias mais ternas da música que conheceu ao longo da vida está o *Samba triste*, de Baden Powell. “Nem sei muito bem porque, mas gosto. Tentaria explicar uma coisa que é inexplicável”, diz antes de cantarolar um trecho da composição. Menos predestinada foi a incursão de Maria João pela música: “Eu dava aulas de natação e fazia aikido, mas fiquei desempregada. Meu padrinho, que era músico, me disse: ‘Por que é que não cantas?’”. Foi então que ela procurou uma escola de jazz e aprendeu a ouvir Ella Fitzgerald, Billie Holiday, Betty Carter e outros grandes nomes do gênero. Buscadora constante de novidades e referências de todo tipo, prefere nem ser enquadrada em determinado gênero. “Tenho curiosidade e estou muito disponível para ouvir outras pessoas”, diz. A exuberância que lhe é característica vem, segundo conta, de sua mãe moçambicana: “Ela tem uma personalidade cheia de extremos”. Já o fato de ser sonhadora teria vindo do pai aviador.



Teresa Salgueiro

ficou conhecida mundialmente como a voz e o rosto à frente do grupo português Madredeus. Com uma carreira iniciada aos 17 anos, foram duas décadas de uma “aventura extraordinária” que a levou ao redor do mundo e a fez aprender a ter o seu corpo como morada. “Viajei muito, me senti muitas vezes sozinha nos quartos de hotel. Minha casa era eu mesma”, conta. “Quando estou a cantar, compor e escrever letras, estou a viver a parte mais extraordinária da minha vida”, revela. Ainda que pareça uma frase de efeito para impressionar quem a ouve, basta estar por alguns momentos perto de Teresa Salgueiro para ver o quanto a musicalidade é parte integrante de sua personalidade: cantarola enquanto prepara o figurino no camarim, identifica as músicas que tocam nos ambientes por onde circula e até mesmo com os nomes das pessoas que conhece estabelece uma relação musical. “Eu tinha um ano e já cantava”, diverte-se. E revela: “Tem uma gravação que até se perdeu de mim, com um ano de idade, cantando. Eram coisas que eu ia ouvindo pelo rádio ou dos discos que meus pais tinham”. “Dizem até que a música cura, e eu acredito nisso. Já passei por experiências de fazer muitos quilômetros para chegar no lugar do concerto, estar cansada e não ter dormido nada, e começar a cantar e sair do concerto com vontade de cantar a noite inteira”, conta. Mas para Teresa a música transcende o seu caráter artístico: “De onde viemos, qual foi o percurso que fizemos enquanto seres humanos, isso está sempre presente”, diz. Ainda que representem

a dimensão mais efêmera de seu trabalho, os concertos são, para a cantora, o momento de máxima realização: “Música ao vivo nunca é igual, aconteceu naquele momento e já foi. Tem muito a ver com a consciência do aqui e do agora, de aproveitar o momento presente, de dar valor àquilo que se tem”. Além disso, no palco, a artista vê concretizado o que define como um momento único de comunhão com seus parceiros de composição e interpretação. “A música em si é uma lição de civilidade, de paz. Uma série de pessoas em conjunto, cada uma dizendo uma coisa diferente, mas é harmônico, faz sentido”, analisa. Com a experiência que acumulou, ensina: “Se cada um fizer a sua parte, tendo em conta a construção de algo maior, aí está a música”. Em busca dessa essência é que Teresa empreendeu carreira solo, que considera ter começado apenas no ano passado, com a preparação do disco *Mistério*, e só foi possível a partir do encontro com os músicos que integram seu grupo. “Nós, humanos, conhecemos uma ínfima parte da realidade em relação a tudo, a nós mesmos”, diz sobre o título do álbum. Para ela, aceitar essa condição de sermos inacabados e de estarmos sempre aprendendo pode levar-nos, inclusive, a entender o quão fortes somos. “Temos a capacidade de mudar o mundo, ainda que seja um processo lento. Os erros mais básicos vão se repetindo, mas enquanto espécie melhoramos bastante”, assevera sobre o que acredita ser o caminho para manter a integridade num mundo em que há tantas contradições e injustiças.



Suzana Travassos e Chico Saraiva

A música de sintetiza, em boa medida, as possibilidades das trocas transoceânicas. Ela, uma cantora portuguesa que desde o início da carreira tem-se aproximado da canção oriunda do Brasil. Ele, um compositor e intérprete brasileiro que se dedica a estudar questões ligadas a esse gênero musical que une melodia e letra. Chico se define como alguém dividido entre as muitas atividades ligadas à música. É um estudioso do instrumento a que se dedica – o violão – e também compositor. Como já produzira bastantes composições, veio-lhe a necessidade de pensar sobre seu processo interpretativo e de fazer um balanço do que fizera até então – daí seu ingresso em um programa de mestrado na USP. “Isso vai resultar numa dissertação e deve virar um documentário com as entrevistas que fiz com os meus mestres do violão e da canção popular”, conta o também professor. O aprendizado do violão vem de uma relação com um “tio de afeição”, o renomado fotógrafo gaúcho Luiz Carlos Felizardo. “Ele é, para mim, uma referência artística”, assevera. Susana, nascida em Vila Real de Santo António, ao sul de Portugal, lembra-se de ter despertado para a música aos quatro anos, quando acompanhou a avó para ver um concerto de um acordeonista e encantou-se com o instrumento – que depois estudou. Já em Lisboa para estudar Psicologia, começou a dedicação ao canto. Depois de gravar um álbum em homenagem a Elis Regina, em 2008 veio ao Brasil participar de uma série de apresentações. Foi então que encontrou o seu lugar na música: a canção brasileira. “Quando volto a Portugal, tento cantar música de lá, mas me sinto muito mais à vontade com a brasileira”, afirma. Mas ressalva: “Acho-me muito portuguesa ao cantar”. Nessa primeira vez que Susana atravessou o Atlântico foi que Tejo e Tietê se juntaram: ela e Chico se conheceram. “Eu toco na Casa de Francisca, em São Paulo”, conta o músico brasileiro, “então, chamei a Susana para ver o que dava. Lembro-me de sentir que estava para acontecer algo”. A partir daí, a parceria foi tomando forma e, três anos depois, estava pronto o disco em colaboração. Susana considera que o ritmo lento foi importante para dar ao álbum o caráter que tem hoje: “intimidade”. Não só os tornou íntimos do repertório, como também criou uma música intimista. É o que Chico descreve como um caráter “camerístico”, que ele atribui, em boa parte, à presença de Susana. Parece-lhe que as pessoas, ao ouvirem a dicção portuguesa, já se predispõem a uma nova forma de ouvir, mais próxima daquela poética e introspectiva tão associada à música lusa. A afinidade entre ambos – perceptível em suas apresentações – é descrita por Chico tal qual um diálogo: “Uma frase cantada com mais intensidade sempre tem uma resposta do violão”. Acostumada a tocar com formações maiores,

Susana demorou a acreditar no projeto restrito à voz e a um só instrumento. De início, parecia-lhe pouco. Afeita aos desafios, se permitiu tentar: “Foi preciso ver a música de uma maneira diferente, percebendo o silêncio e os espaços que existem nele”.



Angelo Primon

percorreu caminhos dos mais inusitados para chegar à estética ibérica que tem norteado alguns de seus projetos mais recentes – entre eles, *Ver o mar*, que apresentou no Unimúsica. Começa que suas influências em casa eram, pela mãe, a música que vinha dos países do Prata, como tangos, boleros e milongas; e, pelo pai, o cancionero italiano. Em ambos os casos, a ascendência determinara os gostos musicais. “Lembro muito dos tangos com violinos e da percussão típica dos boleros”, rememora. As batidas do ritmo de origem cubana que se disseminou pela América hispânica aproximaram-no por primeira vez da produção musical: a mãe conta que Angelo pegava tampas de panela para brincar e fazer barulhos já compassados. Primeiro, esfregando-as na parede; depois, batendo-as em par e as colocando próximas dos ouvidos para sentir o som reverberado. Aos 12 anos, sentava-se diante do prédio em que morava, na Cidade Baixa, para esperar a cada manhã de sábado a passagem dos transnotados que voltavam para casa depois da boemia. “Eu ficava com o violão no colo esperando algum deles passar, pegar meu violão e tocar um trecho de música”, conta. Assim, aos poucos e sem uma educação formal, aprendeu a tocar o primeiro instrumento cordófono da lista que, com o tempo, se tornaria longa. Mas foi por meio do rebelde hard rock dos anos 1980 que ele deu seus primeiros passos como músico. “Parecia que o punk era o estilo que mais tinha a dizer, com aquela rebeldia toda”, diverte-se. Levado pela irreverência do gênero, migrou para a guitarra – nos tempos em que iniciou uma banda com amigos. “Participamos do festival *Domingos de Sol*, no Auditório Araújo Vianna. Era uma música autoral, meio roqueira, completamente amadora. Mas afinávamos as guitarras direitinho”, relembra com carinho. A partir daí, Angelo deixou-se levar pelos instrumentos de corda e aprendeu a tocar viola caipira, viola de cocho e chegou até o alaúde árabe – conhecido como *oud* – e o sitar indiano. Para ele, estavam aí reunidos, então, todos os sotaques musicais típicos da península ibérica: além dos instrumentos mais característicos da região, como violões e violas, também estava a sonoridade de povos orientais que tiveram passagens por lá – os árabes e os ciganos oriundos da Índia. “Comecei com a música feita no presente com olhos no futuro, mas revisitando um eco étnico do passado. Isso tudo serviu à minha atuação como compositor”, explica. Ainda que tenha diversificado seus conhecimentos musicais também pela própria produção, foi em razão da atuação como instrumentista que decidiu tomar esse rumo; assim, conseguiria participar de projetos de diversos gêneros. Para a série *Lusamérica, canções*, preparou um repertório de canções açorianas compostas desde os anos 1970 até a atualidade. “Foi um dos momentos mais bonitos de minha carreira”, diz sobre o projeto que agora pretende levar a outros palcos.

FLÁVIO DUTRA/JU



MACIEL GOELZER

Jussara Silveira

A melhor palavra para descrever Jussara Silveira é “encontro”. Ouvi-la falar sobre música é entender os caminhos que foi trilhando, as pessoas que foi conhecendo, com quem foi estabelecendo relações profissionais e até mesmo afetivas. Mariazinha, a moça que cuidava dela e de seus irmãos na infância, é o mais remoto dos encontros em sua memória: “Lua, oh lua/ Querem te passar pra trás/ Lua, oh lua/ Querem te roubar a paz”, canta para lembrar-se da primeira canção que aprendeu de cor com a babá. É a marchinha de carnaval *A lua é dos namorados*, composta por Armando Cavalcanti, Klécio Caldas e Brasinha e gravada por Ângela Maria. “Minha família toda diz que falei e até cantei muito cedo, mesmo antes de caminhar”, diverte-se. Ainda no contexto familiar, Jussara teve dois encontros definidores de sua personalidade e de sua relação com a música. Ambos aconteceram na infância, no casarão amarelo de seus avós, em Vitória da Conquista, no sertão baiano. O primeiro foi com sua tia mais jovem, Maria Íris: “Foi ela que me apresentou Paulinho da Viola, João Gilberto, Dorival Caymmi e Luiz Gonzaga”, conta. Num ambiente em que todos tocavam violão e cantavam, Jussara não poderia ter saído diferente. “Uns tocavam Beatles; outros, as canções de Caetano Veloso e Chico Buarque”, relembra para descrever o eclético e musical ambiente em que cresceu. Ela, no entanto, jamais imaginou que seria cantora, mesmo que muitas vezes pessoas próximas elogiassem sua voz: “Diziam que era aveludada, como a de minha mãe”. Desses tempos, Jussara também levou consigo certo medo da vida artística, herdado de um tio. “Ele gravou um compacto, mas não seguiu carreira. Deixou de cantar para criar passarinhos e cantar com eles”, revela. E é essa memória que a cantora – baiana por afeto, mas nascida em Nanuque, no norte de Minas Gerais – diz ter sido definitiva para que demorasse a assumir-se como cantora, o que aconteceu somente aos 28 anos. Até então, trabalhara na Rádio Educadora, em Salvador, onde era programadora musical, cantava jingles e fazia backing vocals. A estreia mesmo só foi acontecer em um espetáculo dirigido por Carlos Maltês, seu grande amigo. Isso foi em 1989, no Teatro Castro Alves, em Salvador. Depois, aos poucos, Jussara foi conhecendo referências, encontrando novos parceiros para o que ela descreve como uma “vida modesta”, sem perseguir o sucesso que demandaria vender milhões de cópias – coisa já rara no atual contexto digital – ou fazer 25 apresentações por mês. “Isso significa cantar do jeito que você quer. É poder escolher um caminho sem a obrigação de manter a luta diária pelo que se chama sucesso, por estourar na rádio”, explica. Com o passar do tempo, a cantora descobriu-se uma pessoa mais alegre do que quando na infância. “Carolina, nos seus olhos tristes”, cantarola o trecho da melancólica composição de Chico Buarque que já tinha memorizado aos nove anos. “Gosto da passagem do tempo, as coisas vão ficando melhores. Às vezes, trato até com certo pesar essas coisas, mas isso vai se diluindo com o tempo”, pondera.

